

21 A UNIÃO João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 12 de junho de 2016

Os espaços do Espaço Cultural

Planetário

Planetário do Espaço Cultural proporciona aos visitantes uma viagem espacial entre as constelações, estrelas e planetas

Lucas Silva
Especial para A União

Após sentarmos literalmente nas cadeiras de uma das salas de cinema mais antigas de João Pessoa - o Cine Bangüê -, hoje a série "Espaços do Espaço Cultural" fará mais um embarque, porém para um destino bem mais distante. Ao sairmos do solo e chegarmos à atmosfera terrestre, os tripulantes da nave poderão ver as constelações, planetas, estrelas e descobrir um pouco mais sobre conhecimento básico da astronomia. O jornal A União convida você a apertar os cintos e se preparar porque a contagem regressiva já irá começar e nosso foguete vai ser lançado ao nosso próximo destino - o Planetário do Espaço Cultural.

Com 33 anos de existência, o Planetário já recebeu mais de um milhão e meio de espectadores. Se formos fazer os cálculos são exatamente 30 mil pessoas por ano. Sendo um dos poucos Planetários que ainda funcionam no Brasil, ele comporta 104 pessoas e está entre os 45 que existem no País.

Segundo o coordenador do equipamento Damião Carvalho, no Planetário podemos encontrar um excelente momento de lazer e entretenimento cultural voltado para as maravilhas do Universo.

O equipamento é um ambiente onde se transmite conhecimentos básicos de astronomia. Além disso, suas sessões duram em média 30 minutos. Já as sessões escolares duram mais um pouco por serem didático-pedagógicas.

"Sua função principal é transmitir conhecimento básico de astronomia. O céu que é mostrado aqui é muito fiel ao céu real. Projetamos o céu estrelado com cerca de seis mil estrelas, algo raro de ser observado a olho nu hoje em dia, devido à iluminação das grandes cidades", descreveu Damião um pouco do que os visitantes, em geral escolas, veem dentro da cúpula astronômica.

Além da reprodução fiel do céu dita acima, as sessões são regidas por um programa muito atual que fala sobre os "exoplanetas", que na verdade são planetas descobertos fora do Sistema Solar. Há igualmente outros programas que são passados de acordo com a faixa etária, com o mesmo conteúdo, mas contados com linguagens diferenciadas. "Oferecemos um aprendizado prático e teórico nas sessões escolares acrescentando conteúdos sobre a ciência do Universo", disse Carvalho.

Para a estudante do 5º ano, Lívia Tavares, da Escola Santa Emília, do município de Olinda, a expectativa para conhecer mais sobre o nosso Universo é grande. Além disso, Lívia disse ainda que está muito ansiosa para entrar na

sala. "É a primeira vez que venho até o Planetário e estou muito feliz, porque estou vindo com meus colegas da escola. Vou contar para todos de Olinda como foi a visita", comentou eufórica a estudante Lívia Tavares.

Por outro lado, a estudante do 6º ano Joice Kelly, da Escola Estadual Maria Augusto, do município de Campina Grande, achou interessante porque nunca havia visto o quão vasto pode ser o nosso Sistema Solar. "Foi muito bom aprender ainda mais sobre o nosso planeta e os diversos mundos que existem no Universo", relatou contente a estudante.

A tecnologia utilizada no equipamento é a Space Master analógico com sistema óptico mecânico existente no Brasil ainda em funcionamento, um dos raros exemplares do tipo na verdade. Para se ter ideia, em todo o País existem apenas quatro, que

estão nas cidades de João Pessoa, Goiânia, Porto Alegre e Brasília. "Nosso Planetário é o único com essa atividade na nossa região", completou o coordenador.

A diretora da Escola Estadual Maria Augusto disse que a oportunidade em trazer os alunos é de grande valia, porque muitos dos alunos não conhecem o local e por ter alguns que são do interior eles não têm contato com os equipamentos.

"A importância maior é o aprendizado, porque na escola ensinamos a teoria, mas vir até aqui é possível mostrar como funcionam as coisas, ou seja, mostramos a prática e isso pra vida dos alunos é de grande valia", completou a diretora.

O primeiro planetário do Norte e Nordeste foi instalado ainda no ano de fundação do Espaço Cultural, no dia 18 de junho de 1982.

FOTOS: Edson Matos



Estudantes da rede pública de ensino durante visita monitorada (acima) e a vista externa do equipamento cultural e educativo



Seu trajeto até a Praça do Povo foi longo. O equipamento que possibilita o estudo da astronomia chegou ao Brasil através de uma dívida alemã, devido à aquisição de café, produto bastante exportado pelo nosso País na época. Para quitar a dívida, a Alemanha enviou alguns equipamentos de alta tecnologia. Um deles foi o Planetário, que a princípio deveria ser enviado ao Estado de Pernambuco.

"Estou no Planetário desde 1985 após um bom período de mais de 10 anos no Observatório Astronômico da Paraíba. Atualmente, estou como coordenador do Planetário integrando a equipe de técnico planetarista com a função de administrar e receber as escolas e o público em geral exibindo as sessões e contribuindo para a divulgação da Astronomia em nossa região, visto que, atendemos não só a Paraíba, mas também os vizinhos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte", contou em detalhes um pouco da sua relação com o equipamento o coordenador Damião Carvalho.

Além do Planetário, uma atividade que funciona paralelamente a ele é a Estação Ciência da Funes. Existente desde 1991, o equipamento se propõe a despertar o pensamento científico dos visitantes, que são em sua maioria crianças.

Assim funciona a visita: com a chegada da escola, é feita uma explanação geral no espaço anexo e grupos são divididos e acompanhados por monitores de cada área, tendo o cuidado de explanar em uma linguagem acessível a cada nível escolar. "Muitos dos espaços são interativos. Mas no laboratório de química, alunos não podem manejar os equipamentos, há o monitor fazendo as explicações e experiências. O laboratório de elétrica recebe visitas apenas de alunos do Ensino Médio", afirma Márcio Londres.

Como marcar uma visita

O público interessado em participar das atividades deve se atentar a sua forma de funcionamento. Para visitas ao Planetário, grupos escolares devem realizar agendamento prévio pelos números (83) 98760-1330, (83) 3211-6263, (83) 3211-6294 ou (83) 3211-6207. As visitas escolares acontecem às terças e quintas, às 9h, 10h, 15h e 16h. Aos sábados e domingos, o espaço é aberto ao público em geral, com sessões às 17h, com ingresso nos valores de R\$ 4 (inteira) e R\$ 2 (meia-entrada).

Já na Estação Ciência, o procedimento é similar funcionando por meio de agendamento e visitas gratuitas, das 8h às 12h e das 14h às 16h. Escolas ou grupos podem também realizar visitas integradas, permitindo a ocupação das várias unidades dentro do Espaço Cultural, proporcionando aos estudantes e interessados um tour que se estende à Galeria Archidy Picado, Museu José Lins do Rego e Biblioteca Juarez da Gama Batista.

SÉTIMA ARTE

Um cinema de memórias indelévels, confira na coluna de Alex Santos

PÁGINA 23



REFLEXÃO

José Alves de Araújo Jr. coordena estudos e pesquisas do Evangelho

PÁGINA 24



A estética do ressentimento

O ressentimento é um sentimento de vingança reprimido. Pode ser individual ou social. Ele se diferencia das expressões mais comuns de inveja, rancor e mágoa, por ser renitente e parecer insuperável. O indivíduo ressentido costuma se achar vítima de determinada injustiça e melhor que as outras pessoas — seja por questões morais ou de competência técnica e artística. A psicanalista brasileira Maria Rita Khel chama isso de “brilho narcísico”.

Tipos humanos como esses povoam as nossas relações sociais. Basta lembrar aquele funcionário que se acha mais competente que todos da empresa, mas que quase nunca prospera e sempre é tomado pela inveja quando alguém consegue uma promoção ou é elogiado. Dos colegas de classe e vizinhos invejosos. Dos artistas que, sem reconhecimento de público e crítica, estão convencidos de que seus trabalhos são profundos demais para serem compreendidos por pessoas comuns como “eu e você”, que apenas os “espíritos evoluídos” seriam capazes de apreciar suas criações.

O ressentimento é também leitmotiv de obras literárias e cinematográficas. Segundo Maria Rita Khel, é possível falar de uma estética do ressentimento. Na literatura romanesca, por exemplo, haveria o artifício de induzir os leitores a valorizarem a “vida sem

pecado”. Os personagens ressentidos seriam livres de ambivalências e com a condição moral intacta. Isso, porém, não aconteceria nos romances, porque tais personagens são comumente descritos numa perspectiva crítica, que abusa da linguagem irônica e da condenação.

O mais importante é que na estética do ressentimento a narrativa é necessariamente organizada a partir do ponto de vista dos sentimentos da personagem ressentida. Seu objetivo é destacar a superioridade moral e a sensibilidade refinada dela que, na tentativa de evitar participar de qualquer jogo sujo, muitas vezes a leva a causar prejuízos a si.



A estética do ressentimento deve ser compreendida como um “acerto de contas” da modernidade com o romantismo, e seu princípio é “fazer-se a si mesmo” — diz Maria Rita Khel. Ela compara, com perspicácia, o self mad man do liberalismo ao herói romântico. De quem seria uma cópia piorada, tacinha e mesquinha. Ambos os projetos, entretanto, fracassaram. A força esmagadora do Estado, do mercado, as determinações históricas e as estruturas sociais reduziram tais heróis à insignificância. A saída foi, então, agarrar-se ao mundo quimérico do ressentimento em busca de uma resposta moral e da justificativa para o próprio fracasso.

O bidê significando nada

Nunca antes na história, um simples bidê teve tanta importância no longo silêncio de um desejo, aliás, tanta coisa o bidê guardou e guardará e nunca dirá nada, em nome do centro da tradição, até porque ele, o bidê não é nenhum Pai João. Pois não.

Um simples mico resumiu tão completamente o caráter de um velho bidê, cuja gramática digna de nádegas a declarar à subserviência congênita e não sei mais o quê. Como anda o gênero humano, Clarice Lispector? Relaxe Sr. K.

Vai mantendo sua tradição, o velho bidê, azul celeste, vinho ou cor de cabelo de anjo, com suas válvulas jorrando água doce sobre coisas, como se jorrasse palavras, algumas amorosas, até quando provoca risadas, risadas sim, mas tão sérias. É impossível sobreviver ao Templo de um bidê. O lá de casa desapareceu antes dos anos 80.

Sem exemplos engraçadinhos à parte, com muita gente tentando se explicar, tanta coisa diferente, sem imaginar que a beleza de tudo está em nada, até que a coisa se torne mais atraente, até quando se resolve de uma vez por todas que já passou da hora de desligar a televisão e começar a roncar. Não entendo como uma pessoa ronca com a tv ligada. Tudo a ver.

Não, a tevê, não. A tevê é a privada mais rotulada desse país encardido, que a gente ama de coração. Tudo aqui já foi, já passou. Ainda bem. Os tabajaras também, aliás, nós somos e ainda estamos por fora, pois não temos mortos e sim cinturões de favelas cercando a cidade e os tiroteios aqui são a base de fuzis: o bairro do Bessa que o diga! Cruz, credo, chega desse trabalho de levar tanta gente para

cidade de pés juntos.

É, onde tem malandro, tem bidê. Ou não. Mas nem todo mundo que foi ao bidê um dia, leu o jornal do dia, porque aí é guerra e nem estamos nos desviando de nenhum cubículo, para não dizer que lembrei de novo de meu amigo Pat R, que até hoje não me mandou o conto Cubículo. Tem nada não, estou lendo “Os anões” da escritora gaúcha Verônica Stigger, que busca a tendência e à experimentação de algo surrealista.



A primeira válvula (qual?) quase ensina a sair de si, porque a última só jorra água fora e vão pagar por isso, todos que jogam água fora. Imagine a noiva chegando ao altar, abençoada pela tragédia do Padre Amaro, que não está entendendo nada. Nem o sacristão. Talvez Rita Barrozal

Inesquecível bidê o da casa do Vavá, hiper psicodélico, quase uma obra de arte. Quase um videogame, um vaga-lume, um atalho onde um pássaro proibido fez sua melhor lição e um anão de mãos de ferro não conseguiu chegar.

Nossa! Tá feito aquela madame que diz que o samba tem pecado. Então, só danço samba.

Ah! Eu que não andei pelos cantos do bidê, que não sou nenhum mané, não esqueço o pirralho no sinal da MacDonald me pedindo, “ei irmão, arruma dois paus pra eu” e eu: só tenho um.

Um dia vou fazer igual a escritora Verônica e estudo teoria da arte, nomes como Duchamp, Mondrian, Malevitch etc. Odeio etc. Sempre me interessei por escritores e artistas que correm um tanto à margem da narrativa tradicional da história da literatura e/ou da arte”, diz Verônica. À margem também corre ela, com suas historietas que subvertem a lógica, a paz e a tranquilidade do enfiado de cada dia.

Quando falei na redação que ia escrever sobre o arte do bidê, voaram gargalhadas homéricas e juízo, eu fiquei sem entender e não venha dizer que o bidê não é arte, é sim, é não. Ou então veja aí que vai passando pela sua TL uma família de cisnes sendo escoltada pela polícia até a beira do rio, digo Beira Rio. E priu. E o bidê?

Kapetadas

1 - o boxeador dá um gancho no adversário, o adversário diz “aproveitando o gancho...”

2 - O pequeno príncipe cresceu e virou o príncipe?

3 - Você sabia? Capitu não tinha olhos de resaca ela era vesga.

4 - Você sabia? Foi Dorian Gray quem fez o primeiro selfie da história?

5 - Agora é oficial: O tempo não existe. O futuro são seus desejos e o passado suas memórias

6 - Som na caixa: “Jorro cachoeira e sangue”, Carlinhos Brown

André Ricardo Aguiar

Escritor - diariodebordo@gmail.com

FOTOS: Reprodução/Internet



Dos cemitérios

Em vida, cemitério, cemitério mesmo eu só conheço dois: o da minha terra natal e o da cidade. Em Itabaiana, o campo santo parece um minifúndio, um terreno à beira do rio quase seco. Parece de bom grado para os mortos, que queriam um descanso como quem arma uma rede no além. Vista privilegiada para os canais do outro lado, e a sensação do que foi a vida: água a correr. E para compesar o abafado do caixão, um lugar isolado, sem casas por perto. Tal e qual como a ideia do céu.

Frequentei, claro, o maior, o da cidade, cemitério cheio de bairros internos, alamedas, curvas. E eu entro num desses e já me dá uma ânsia de ler epitáfios. Fazer o quê? Eu não abandono o hábito da leitura nem na terra dos pés juntos. Além do mais, a variedade de estilos, o arrumado da lápide, a cor, os arredores, tudo inspira uma leitura. Leio enquanto sou leitor vivo. Quando descansar, não sei que tipo de alfabetização me caberá. Leio daqui do outro lado, com luz ambiente, e não com a incerteza do depois, destes lugares escuros sete palmos abaixo.

Epitáfio é um gênero como qualquer outro. Em muitos casos, são apenas clichês, como os necrológicos com sua estrutura, aquela nota de piedade cristã e a parentada e os amigos. Mas existem epitáfios que, desculpem o trocadilho, tem presença de espírito. Como o já citado em antologias de humor, de autoria do Jô Soares, para o futuro descanso: Enfim, magro! Ou com suave ironia, embora não possa comprovar por não ter visitado o túmulo, de Jorge Luis Borges: ...E não tenham medo. De Dorothy Parker, escritora norte-americana, temos o Desculpe o pó. E por aí vai...ou foi!

A relação da literatura com a morte é inevitável. Em conversas recentes, me falaram destes túmulos famosos onde rituais foram estabelecidos de acordo com a figura cultuada: o cemitério de Père Lachaise é um dos endereços mais visitados de Paris e nele se encontram as moradas de Edith Piaf, Jim Morrison, Oscar Wilde, Marcel Proust. O vocalista do The Doors recebe ainda presentes como bebidas, cigarros, chicletes colados numa árvore próxima. Wilde é amorosamente cultuado com marcas de batom. Cortázar, com bilhetinhos.

Cemitérios deveriam ser melhor aproveitados. Como espaços para várias atividades. Há quem faça saraus. Oficinas. Ponto de encontro para namoro. Exposições (já o são certas espécies, museus a céu aberto). Para estreitar mais a convivência entre vivos e mortos. Lembra da famosa frase? Nós que aqui estamos por nós esperamos. É de Samuel Beckett com quem me despeço, nas primeiras páginas de Primeiro amor: Pessoalmente não tenho nada contra os cemitérios, passeio neles com prazer, com mais prazer do que em outros lugares, talvez, quando sou obrigado a sair (...). Sim, como local de passeio, quando se é obrigado a sair, deixem-me os cemitérios e vão vocês passear nos jardins públicos, ou no campo.

Bom descanso!

Cinema

Alex Santos cineasta e professor da UFPB alexsb@uol.com.br



APC na redes sociais

Por iniciativa do acadêmico Carlos Meira Trigueiro, cadeira 48 da Academia Paraibana de Cinema e Diretor Financeiro da entidade, a cada dia o "Grupo APC de Cinema" tem crescido na Web. Lançado há pelo menos duas semanas atrás, o grupo vem registrando um número considerável de seguidores, todos eles ligados direta ou indiretamente à atividade cinematográfica.

A iniciativa é do maior interesse não só para a Academia, divulgando o nome e sua real atividade, mas por que agrega valores humanos outros, da Paraíba e de outros estados brasileiros. Sobre tudo, aquelas pessoas que se dizem "amantes do cinema", mas que migram por outros meios de divulgação de conhecimento, como literatura, pintura, fotografia, música e demais segmentos que atualmente circulam nas redes sociais. Com feitos assim... é o Cinema que ganha!

Um cinema que traz memórias indelévels

Memórias são sempre memórias. Tradições que podem se manifestar em cada um de nós na forma mais diferenciada. Para alguns, nada mais são que simples lembranças, sem validade alguma. Como afirma o historiador francês Lucien Febvre, em aforismo seu que transcrevi em um de meus livros, quando de tese que defendi na UNB: "... Se quiser fazer história, vire resolutamente as costas ao passado e viva a vida. Viva-a plenamente" (pag. 34 - Cinema e Televisão: Uma relação Antropológica, Ed. A União, 1998).

Contradizendo a afirmação do ilustre escritor francês, segundo a qual é possível "fazer história" renegando as memórias, diria que estas, mesmo efêmeras, são passagens de tempos em nossas vidas. E, de quando em vez, se nos apresentam fortes e reflexivas, impondo revisão em alguma atitude impensada, que hoje poderia ser tomada, em detrimento do próprio autor.

Não obstante tais ardores, de ordem filosófica aos mais puristas, afirmo que existem memórias mais simples e tocantes, como aquela que nos conduz à mera recordação e sem nenhum compromisso com a História. São "recuerdos" de sentido mais íntimo, por isso mesmo, pessoalmente mais significati-



Projecionista Rubens cumprimenta o professor José Cornélio

vos e gratificantes.

Esta semana, revendo alguns aflarabios, como normalmente faço em recanto que considero especial às minhas elucubrções, deparei-me com a fotografia de dois queridos amigos. Um, que fora professor meu nos tempos de ginásio, já falecido; o outro, quase um irmão, pois, assim o tinha em conta o meu querido pai ("Seu" Severino do cinema), que o abrigou desde criança como membro em nossos afazeres cinematográficos.

O primeiro a que me refiro, o professor de Geografia José Cornélio da Silva, um ilustre amigo, após alguns anos de convivência e de troca de conhecimento tornamo-nos parceiros, inclusive, em trabalhos de cinema. Exemplo, entre outros, do documentário "O Coqueiro", realizado nas Praias de Lucena - Prêmio Sudele de Melhor Filme de Temática Nordestina, no Festi-

val Nacional de Cinema de 1977, realizado em Recife.

O segundo, mais do "babente" da nossa cinefilia, Rubens (Rubão, para os mais íntimos), foi aquele parceiro nos cinemas de meu pai que mais se afinou com os seus severos, porém afáveis, comandos diários: "Rubens, tá na hora de pegar os cartazes de rua". Ou, ainda: "... Não esquecer de pegar o filme na estação, de 4 horas. O trem não espera...". Tempos depois, já um de seus projecionistas: "Rubens, antes de colocar no projetor dê uma "repassada" na terceira parte do filme. Algumas emendas podem quebrar durante a sessão".

Assim era, sempre. Uma complicidade que faz o próprio Rubens, hoje morando no Bessa, lembrar de olhos marejados de "Seu" Severino, em todo setembro que chega... - Mais "coisas de cinema", em: www.alexasantos.com.br

Letra LÚDICA

A poesia e a paisagem

Hildeberto Barbosa Filho

Crítico literário
hildebertbarbosa@bol.com.br

Semana passada fui ao engenho Pau d'Arco e, na casa da ama de leite, Guilhermina, hoje Memorial Augusto dos Anjos, profiri pequenina palestra acerca do e de sua lírica do desconsolo. Vi-me comprimido pelo tempo de 20 minutos e pela espera silenciosa de um auditório composto de reduzido público. Tempo chuvoso, tarde aberta ao verdume da várzea paraibana e a uma geografia carregada de sinais memoráveis que se estilavam entre os apelos moventes do canal e os côncavos abismos dos céus nublados.

Nem sei por que, mas me veio a ideia instantânea de cotejar a poesia e a paisagem dentro de uma lógica perfeitamente possível na trama poética que se tece na variada versificação do vate paraibano. De repente, foi tomado pelo impulso de mostrar, a quem me ouvia, o vínculo visceral que as imagens verbais de Augusto dos Anjos mantêm com os elementos da paisagem, traduzidos, sobretudo, pela configuração do ciclo vegetal e pelo desenho erótico da topografia telúrica onde se enraíza grande parte de sua energia criadora.

Sei que a poesia de Augusto é, a princípio, musicalidade. Musicalidade estranha envolvida em ritmos bizarros e harmonias dissonantes. Sei também que é uma poesia que pensa a agonia das coisas sob uma perspectiva filosófica e científica em descompasso surpreendente com os dogmas das matrizes idealistas e deterministas, pois, na sua encaenação vocabular, há como que uma secreta e permanente sede de infinito. Sei das suas admirações livrescas, de seus postulados estéticos, da riqueza mental e da sua exuberância cognitiva.

Nada disso me interessava naquele momento!

Naquele momento eu só via a paisagem, a paisagem de fora, real e lúcida na sua verdade vital, mas também a paisagem de dentro, aquela que se formula na cadência inimitável de seus versos bárbaros. Para romper o clima noturno das "Tristezas de um quarto-minguante", não resisto, e leio em voz alta, modulando a voz: "(...) Abro a janela. Elevam-se fumaças/Do engenho enorme. A luz fulge abundante/E em vez do sepulcral Quatro-minguante/Vi que era o sol batendo nas vidraças,/Pelos respiratórios tênues tubos/Dos poros vegetais, no ato da entrega/Do mato verde, a terra resfolega/Estrumada, feliz, cheia de adubos".

Repito: "A terra resfolega/Estrumada, feliz, cheia de adubos!"

Não seria a descrição de uma cúpula natural na transcendência de uma sexualidade orgânica e ao mesmo tempo simbólica? Não tive dúvidas e afirmei o caráter vitalista da poesia de Augusto para acentuar o contraste com a sua já incorporada visão pessimista. Aqui, em "Gemidos de Arte", em "A Ilha de Cipango", em "Insônia" e em "Queixas noturnas", poemas datados do Pau d'Arco, aspectos da natureza emulam com a intimidade dilacerada do eu poético.

Li ainda outras passagens de outros poemas, pinçando a possibilidade ecossistêmica e a solicitação ecológica de uma poesia vigorosamente visual. Uma poesia que tem, na paisagem e nos seus nutrientes internos, na força telúrica de suas pausas e acentos, uma das suas fontes germinais. Uma poesia/paisagem, uma paisagem poética.

Quadrinhos

AeEU

Val Fonseca



Em cartaz

ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO (EUA 2016). Gênero: Fantasia. Duração: 112 min. Classificação: Livre. Direção: James Bobin. Com Mia Wasikowska, Johnny Depp, Helena Bonham Carter. Sinopse: Alice retorna após uma longa viagem pelo mundo, e reencontra a mãe. No casarão de uma grande festa, ela percebe a presença de um espelho mágico. A jovem atravessa o objeto e retorna ao País das Maravilhas, onde descobre que o Chapeleiro Maluco corre risco de morte após fazer uma descoberta sobre seu passado. Para salvar o amigo, Alice deve conversar com o Tempo para voltar às vésperas de um evento traumático e mudar o destino do Chapeleiro. Nesta aventura, também descobre um trauma que separou as irmãs Rainha Branca e Rainha Vermelha. **CineEspaço:** 14h40 (DUB) e 17h, 19h20, 21h40 (LEG). **Manaira3:** 14h15, 19h30 (DUB) e 16h05, 22h05 (LEG). **Manaira7/3D:** 13h30, 16h (DUB) e 18h45, 21h30 (LEG). **Manaira11:** 13h e 19h. **Mangabeira4/3D:** 12h45, 15h30, 18h15 e 21h (DUB). **Tambiiá3:** 14h20, 16h30, 18h40 e 20h50 (DUB). **Tambiiá5/3D:** 14h10 e 18h50 (DUB).

X-MEN APOCALIPSE (EUA 2016). Gênero: Ação. Duração: 143 min. Classificação: 12 anos. Direção: Bryan Singer. Com James McAvoy, Michael Fassbender e Jennifer Lawrence. Sinopse: O ancestral dos mutantes, En Sabah Nur, retorna com planos de mergulhar o mundo em um apocalipse para garantir a supremacia. Sequência de "X-Men: Dias de um Futuro Esquecido". **CineEspaço3/3D:** 14h30, 17h30 e 20h30 (LEG). **Manaira4:** 13h05, 19h05 (DUB) e 16h05, 22h05 (LEG). **Manaira6/3D:** 18h (DUB) e 14h45, 21h15 (LEG). **Manaira11:** 15h45 e 21h45 (LEG). **Mangabeira3:** 15h15 (DUB). **Mangabeira5/3D:** 14h, 17h e 20h. **Tambiiá4:** 14h20, 17h20 e 20h20 (DUB). **Tambiiá5/3D:** 16h15 e 20h55 (DUB).

ANGRY BIRDS (EUA 2016). Gênero: Animação. Duração: 90 min. Classificação: Livre. Direção: Clay Kaytis e Fergal Reilly. Com Jason Sudeikis, Maya Rudolph, Josh Gad. Sinopse: Adaptação do jogo Angry Birds, uma das maiores franquias mundiais de entretenimento, o filme vai contar a história de Red, um pássaro com problemas para

controlar seu estresse, o veloz Chuck e o volátil Bomba, amigos que nunca tiveram seus valores reconhecidos. Quando misteriosos porquinhos verdes invadem a ilha onde moram, estes improváveis heróis serão os responsáveis por descobrir qual o plano da gangue suína. **Manaira1:** 14h e 16h45 (DUB). **Manaira5/3D:** 12h15 (DUB). **Mangabeira3:** 15h (DUB). **Tambiiá2:** 14h30 (DUB).

CAPITÃO AMÉRICA - GUERRA CIVIL (EUA 2016). Gênero: Ação. Duração: 146 min. Classificação: 12 anos. Direção: Anthony Russo e Joe Russo. Com Chris Evans, Robert Downey Jr. e Scarlett Johansson. Sinopse: Sinopse: Steve Rogers é o atual líder dos Vingadores, super-grupo de heróis formado por Viúva Negra, Feiticeira Escarlate, Visão, Falcão e Máquina de Combate. O ataque de Ultron fez com que os políticos buscassem algum meio de controlar os super-heróis, já que seus atos afetam toda a humanidade. Tal decisão coloca o Capitão América em rota de colisão com Tony Stark, o Homem de Ferro. **Manaira2:** 18h50 (DUB) e 15h40 e 21h55 (LEG). **Tambiiá2:** 17h30 e 20h30 (DUB).

Edital

O Boticário na Dança recebe inscrições para patrocínio

O Programa O Boticário na Dança recebe inscrições de projetos de todo o Brasil que queiram ser apoiados ao longo de 2017. As inscrições podem ser feitas pelo site www.boticario.com.br/danca. O prazo de inscrições se encerra na próxima quinta-feira (16).

Serão aceitas propostas de patrocínio específicas da área da dança, das categorias: montagem de festivais, mostras, espetáculos, manutenção de companhias, circulação, produção de vídeos, livros e periódicos, sites, cursos, workshops, oficinas, palestras, fóruns, exposições fotográficas, exibição de vídeos e filmes. O regulamento completo está disponível no site, em "inscreva seu projeto".

A seleção será feita nos meses de junho e julho e a divulgação dos resultados em agosto. O edital prioriza projetos que já tenham sido aprovados, inscritos ou que pretendam se inscrever em leis de incentivo à cultura, em processo de aprovação.

Rádio Tabajara

PROGRAMAÇÃO DE HOJE

FM
0h - Madrugada na Tabajara
5h - Aquarela Nordestina
6h - Bom dia, saudade!
8h - Máquina do tempo
10h - Programação Musical
12h - Sambra
15h - Futebol
18h - Programação Musical
18h30 - Rei do Ritmo
19h - Lampa Black
20h - Música do Mundo
21h - Trilha Sonora
22h - Domingo Sinfônico

AM
0h - Madrugada na Tabajara
5h - Nordeste da gente
6h - Bom dia, saudade!
8h - Sucessos Inesquecíveis
9h - Domingo no rádio
11h - Mensagem de fé
11h30 - Programação Musical
12h - Tabajara Esporte Show
15h - Grande Jornada Esportiva
20h - Plantação nota mil
20h30 - Rei do Ritmo
21h - Programação Musical

SERVIÇO

• Funel (3211-6280) • Mag Shopping (3214-9200) • Shopping Tambiá (3214-4000) • Shopping Igatambi (3337-6000) • Shopping Sul (3235-5585) • Shopping Manaira (Box) (3246-3188) • Sec. Campina Grande (3337-3642) • Sec. João Pessoa (3208-3158) • Teatro Lima Penante (3231-5835) • Teatro Edmundo do Egypito (3247-1449) • Teatro Severino Cabral (3241-6038) • Bar dos Artistas (3241-4148) Galeria Archidy Picado (3214-6224) • Casa do Cantador (3337-4046)



Bacharel em Filosofia e Mestre em Ciências da Religião, ambos pela UFPB, João Alves destaca-se pelo talento de desmistificar preconceitos e maniqueísmos acerca do Espiritismo

João Alves: “O Espiritismo é a revivescência do Cristianismo”

Josinaldo Malaquias
Especial para A União

O tipo físico altão é o de um campeão de basquete, mas contrasta com a voz mansa, compreensiva e precoce, para a incomum maturidade de um jovem de 32 anos, o patoense João Alves de Araújo Júnior, que se destaca como coordenador adjunto do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Evangelho - NEPE e como monitor do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita - ESDE, da Federação Espírita Paraibana.

Carismático, culto, detentor de um fino senso de humor e uma capacidade extraordinária em dirimir conflitos, dúvidas e confortar adolescentes, adultos e idosos, João Alves - Bacharel em Filosofia e Mestre em Ciências da Religião, ambos cursados na Universidade Federal da Paraíba -, destaca-se pelo talento de desmistificar preconceitos e maniqueísmos acerca do Espiritismo.

Sereno e equilibrado sabe administrar, com maestria, os conflitos advindos de concepções sectárias de certos segmentos religiosos que, mesmo com o progresso da Ciência e o acesso à informação, insistem em assacar as mais torpes e gratuitas agressões, num clima de atávica e injustificável intolerância.

João Alves ressalta que “ainda há muito preconceito em relação ao Espiritismo. Penso que isso se deve à falta de conhecimento que a maioria das pessoas têm sobre o que significa, verdadeiramente, Espiritismo. Lamentavelmente muitos o associam a interesses pessoais de cunho egoísta, a exemplo de previsões, fórmulas mágicas e milagrosas para ganhos fáceis”.

Alves explica que “aprendemos no Espiritismo que cada um de nós é detentor de livre-arbítrio e, portanto, construtor da própria felicidade. Não há atalhos espirituais para essa conquista. Promessas de caminhos fáceis e rápidos não são propostas espíritas. Pelo contrário, seguindo o que Jesus ensinou, o trabalho de autoaperfeiçoamento é árduo e exige esforço e muita dedicação no cultivo dos valores morais da verdade, da paz e do amor”.

“Para ser espírita é preciso que a pessoa estude o corpo doutrinário do Espiritismo, enquanto Ciência e Filosofia, tomando como verdade seus postulados, e dedique-se a harmonizar sua vida com as leis que regem o universo,

no sentido moral da vivência do amor a Deus sobre todas as coisas e o amor ao próximo como a si mesmo, exatamente como Jesus preceituou - salienta.

Sobre a controversa questão se o Espiritismo é uma religião ou uma doutrina, João Alves explicita que “é uma religião no sentido filosófico da palavra, ou seja, visa ligar o homem a Deus, através da comunhão de pensamentos e da irmandade entre os seus adeptos e entre toda a humanidade. No sentido institucional, dogmático, ritualístico e formal, o Espiritismo não é uma religião conforme preleciona Allan Kardec, haja vista inexistirem a figura de um sacerdote, de práticas exteriores com finalidade puramente ritualísticas, nem dogmas de fé inquestionáveis”.

- O verdadeiro espírita é o cristão, ou seja, aquele que se esforça por transformar seu coração em busca do bem, da justiça e do amor incondicional - evidencia.

Indagado sobre a visão do Espiritismo sobre temas polêmicos como a corrupção, a violência, a droga, questão de gênero e aborto, temáticas enfocadas sobre as mais díspares opiniões, João Alves realçou que:

- Viciações de toda sorte, como a violência e a corrupção, são resultado do atraso moral de nossa humanidade. Serão extirpadas da terra quando seus habitantes tiverem modificado seus corações em direção ao bem comum e ao amor universal.

A respeito da questão da homossexualidade, muitas vezes vistas de forma apocalíptica como uma afronta aos princípios divinos e instrumento de condenação, Alves diz que “a homossexualidade ou homofobia, como preferem alguns, é vista pelo Espiritismo de forma natural, ou seja, como uma ocorrência humana, dentro do amplo aspecto de possibilidades de experiências que é dado ao ser humano viver”.

- Compreende-se no Espiritismo - prossegue - que cada pessoa é um Espírito, e o Espírito em si mesmo não tem sexo. E mais, é preciso que o Espírito encarne ora em corpos femininos, ora em corpos masculinos, a fim de que possa extrair experiências singulares que muito contribuirão para seu patrimônio interior.

“À luz dos postulados espíritas, podemos compreender que a homossexualidade tem sua razão de ser e se explica, basicamente, pela razão de muitas vezes um Espírito que estruturou seu psiquismo mais

acentuadamente em uma das polaridades (masculina ou feminina) reencarnar em um corpo contrário a essa polaridade e, então, vê-se estranho no corpo pois sua orientação no sexual difere da configuração corporal na qual ele está inserido” - afirma.

Sobre outra questão extremamente polêmica, a adoção de crianças por casais homossexuais, João Alves explica que “a adoção por um casal homossexual é vista no Espiritismo como um ato de amor. Muitas crianças são relegadas a orfanatos e a depender de sua idade e cor de pele, acabam sendo excluídas por ‘casais normais’ que pretendem adotar”.

- Vemos muitos casos em que justamente essas crianças que não atendem a “padrões especiais” da maioria dos interessados em adotar, acabam por receber o afeto e a proteção de casais homossexuais. O mais importante, seja qual for a situação, é a disponibilidade real de amar, no sentido mais pleno do cuidado, da proteção, da educação e da presença efetiva junto à criança.

A respeito dos movimentos que postulam a legalização do aborto, sob a alegação de que a mulher pode dispor do seu corpo como quiser, João Alves atesta que:

- Sobre o aborto, aprendemos no Espiritismo que ele constitui um crime perante a Lei de Deus. O feto é detentor de vida desde sua concepção, pois nele está presente um Espírito. Cometer o aborto voluntariamente, em qualquer fase da gestação, provoca o desligamento do Espírito que estava unido ao corpo em formação no útero materno. É uma prática que deve ser evitada, salvo para salvar a vida da mãe, como ensinam os Espíritos em “O Livro dos Espíritos”.

Finalizando, João Alves fala que “cada pessoa e religião tem uma razão de ser. No Espiritismo ensina-se que não devemos violentar consciências. Antes de tudo é preciso buscar compreender o outro, entrar em uma relação de verdadeira escuta e entendimento. Julgamento e rotulações são muito prejudiciais. A fraternidade é a tônica mais adequada. Os espíritas não fazem uso de velas ou incensos por conceberem que a real efetividade e ação ocorre no plano da consciência, na vibração do pensamento e do sentimento, sendo, portanto, dispensáveis objetos exteriores para a concentração e sintonia com Deus e com os Espíritos Superiores”.

Santo Antônio

Amanhã é celebrado o dia do padroeiro dos solteirões que tem fama de casamenteiro

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Santo Antônio, que tem seu dia comemorado amanhã, 13 de junho, não é apenas o padroeiro dos solteirões. Ele não só facilita casamentos para os encalhados (as), como é invocado para resolver causas perdidas, sejam elas as mais difíceis. Quando frade em Pádua (Itália) e Lisboa (Portugal) realizou milagres que deixavam crentes e hereges boquiabertos. Ou praticava a bilocação entre países distantes, chegando em poucos segundos entre Pádua e Lisboa, para livrar seu pai de ser enforcado, por acusação falsa de homicídio.

Também deixou admirado um conde italiano que o viu em plena rua, debaixo de raios e trovões e iluminado por uma claridade estranha, que revelava estar o frade com o menino Jesus sorridente em seus braços. Antônio pedira às testemunhas que não divulgassem aquilo. Temia ser punido pela Inquisição ou ridicularizado. Mas um bispo acabou beneficiário dos milagres do jovem frade, que, num piscar de olhos, achou os escritos preciosos, perdidos pelo clérigo durante uma caminhada.

Antônio era um menino voltado para a religião. Seu pai, Martinho de Bulhões, destacado fidalgo português, era muito apatacado. Certo dia ele apareceu contrariado, porque uma peste de corvos estava devorando suas plantações de trigo. Antônio, apenas um garoto, pediu ao pai para ver o fenômeno. Em seguida, ajoelhou-se numa capelinha próxima, chamou os corvos para lá, trancou portas e janelas e ordenou às aves que não fizessem mais aquilo. Os pássaros nunca

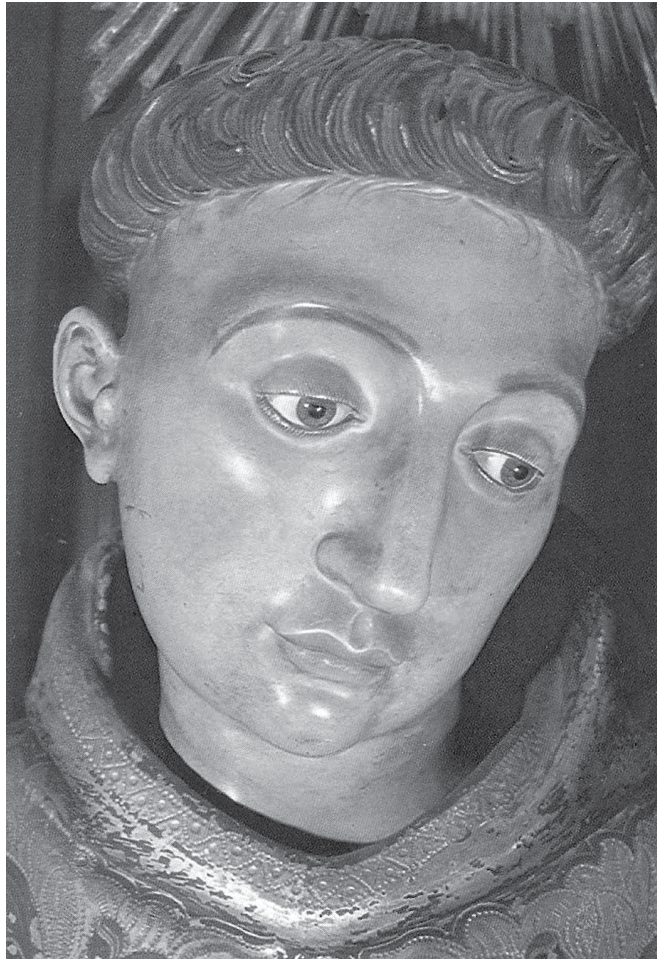
mais incomodaram as plantações.

Dois criminosos mataram um homem e o enterraram nos terrenos de Bulhões, pai de Antônio. O nobre acabou condenado à morte. Avisado em Pádua, que seu pai corria perigo, Antônio, surgiu repentinamente no Tribunal de Lisboa. Os juízes não acreditavam na inocência de Bulhões. Antônio pediu-lhes que o acompanhassem à sepultura do defunto. Lá, o morto foi ressuscitado e inocentou o pai de Antônio, do homicídio que lhe era atribuído.

Uma jovem condessa, bela e rica, vivia atormentada por não encontrar um pretendente. Deram a ela um quadro de Santo Antônio. Ela limpava e orava sobre o quadro diariamente. Um dia, desesperada por não ser atendida em suas preces, a moça atirou a peça pela janela. O quadro atingiu um nobre bonito e solteiro, que passava na rua. A moça correu para socorrer o rapaz e, entre os dois, repentinamente nasceu uma atração profunda. Quando ele sarou, casou com ela. Veio daí a fama dele de casamenteiro.

Um rapaz malcriado chutou o traseiro da mãe, na hora em que Antônio ia passando. Daí em diante, o pé do rapaz começou a murchar e teve de ser amputado. Antônio procurou o moço. Orou sobre o pé decepada e, em poucos minutos, fez surgir um pé novo no ingrato. Os hereges queriam linchar Antônio, acusando-o de feitiçaria. No dia seguinte o frade fez um jumento se ajoelhar diante da imagem de Cristo e a credibilidade de Antônio não foi mais colocada em dúvida. Antônio, que aparecia em vários lugares ao mesmo tempo, surpreendia a todos com a sua ubiquidade e dizia ignorar qual a força que o levava para onde quisesse, bastando desejar.

FOTO: Reprodução/Internet



Nome de município no Sertão

Talvez por causa desses poderes todos, ele seja nome de cidades em vários estados e países. Na Paraíba ele é patrono de um pequeno município sertanejo, Riacho de Santo Antônio, que surgiu de uma fazenda pertencente ao capitão Antônio de Faria Castro, descendente direto do bandeirante Pascácio de Oliveira Ledo, um sertanista da Casa da Torre, na Bahia, comandada pelo clã dos D'ávilla Lins.

Nascido em Lisboa no ano de 1195, Santo Antônio morreu em Pádua, a 13 de junho de 1231. Os algarismos de sua data de nascimento, quando somados, revelam um número misterioso, o sete, utilizada desde a antiguidade mais remota pelos sábios assírios, egípcios e caldeus, em seus estudos de astrologia, geografia e meteorologia. Por isso Antô-

nio, segundo seus biógrafos, já nasceu sábio e dotado de poderes sobrenaturais.

Poderoso em vida e venerado até hoje após a morte, é um dos santos de maior credibilidade na comunidade cristã mundial. Em popularidade não perde nem para São Francisco, que tinha o poder de falar com os animais, mas nunca registrou milagres de ressurreições nem de bilocação. O Papa Gregório IX, que o canonizou, concedeu-lhe o título de Doutor da Igreja, por causa do conteúdo de seus sermões. O milagre atribuído a Santo Antônio que mnis impressionou aos doutores da Igreja foi o de constatar que sua língua e garganta estavam intactos no sarcófago, quando foram fazer o traslado de seus restos mortais para outro túmulo.

Pedra em Fagundes é tida como milagrosa

A fama de casamenteiro e de patrono das causas impossíveis levou Santo Antônio a liderar o rank na preferência dos santos entre os paraibanos. Em Fagundes, a 156km de João Pessoa, a Pedra de Santo Antônio é tida como milagrosa, por ter desencalhado homens e mulheres que viviam a procurar casamento e, enfim, encontraram o par ideal. Diz a lenda que, quem passar por baixo deste lajedo granítico de aproximadamente 80 toneladas, jamais irá morrer solteiro.

Um site mantido pela Prefeitura de Fagundes dá todas as dicas para quem deseja obter um casamento. Nos dias que antecedem a data dos namorados e do

santo casamenteiro, as ruas da cidade ficam cheias de visitantes de todas as partes do Brasil. Em Mulungu, no Brejo paraibano, a 132Km da capital, tudo pertence a Santo Antônio, inclusive alguns terrenos centrais. A Igreja local mantém uma estátua do santo, em tamanho natural, colocada na portada de entrada.

Um devoto não muito fiel certa vez pediu para rezar sozinho perto da estátua e deu uma esmola para a Paróquia Antoniana. Poucas horas depois um sacristão descobriu que o desconhecido havia roubado os olhos do santo, que eram dois brilhantes. Em Mulungu há uma predominância de nomes masculinos e

femininos em homenagem a Santo Antônio. Mas a festa mais concorrida do fradinho acontece em Piancó, no Sertão paraibano, a 384Km de João Pessoa.

Amanhã, a igreja local amaneherá cheia de políticos, que vão ali pedir ao santo que os proteja com as benesses das urnas. Ao que parece, o santo nunca negou fogo, pois esta tradição remonta ao tempo do império, quando Piancó era uma simples vila. O Vale do Piancó já deu governadores, senadores, deputados federais e estaduais. E ainda mantém uma respeitável bancada de políticos na Assembleia Legislativa Estadual e na Câmara dos Deputados.

Deu no Jornal

A coluna destaca as gravações de conversas com políticos

PÁGINA 27



Gastronomia

Escondidinho de carne de sol com macaxeira fica uma delícia

PÁGINA 28



OLÁ, LEITOR!



FOTOS: Reprodução/Internet

O ex-presidente da República, José Sarney; o senador Romero Jucá e o presidente do Senado, Renan Calheiros: envolvimento vai além das opiniões?

Memórias impressas

Promessas ao espelho

Tenho pensado seriamente em largar alguns vícios. É que a gente vai ficando velho, as mazelas começam a aparecer e não há mesmo outro remédio senão ir renunciando aos prazeres da alma e do corpo. Aliás, esse negócio de envelhecer é realmente uma parada. Sobre tudo quando a alma teima, porque aí é o corpo que padece.

Mas isso é coisa que também se resolve. Afinal, há sempre um dia em que você amanhece, se olha no espelho e de repente se convence de que chegou a hora de parar. Não é difícil imaginar por que essas reações costumam ser mais frequentes às segundas-feiras: é que são poucos os que conseguem acordar bem dispostos, depois de um fim de semana inteiro regado ao excesso.

A cama, na manhã de segunda-feira, não é só um lugar de merecido repouso. É instituição quase divina da qual não se deveria sair antes do meio-dia. Para algumas pessoas, levantar-se na segunda é como se tivesse de cometer um crime hediondo contra o próprio corpo. Em casos mais graves, pode-se inclusive chegar à situação de um velho amigo meu para quem o simples ato de acordar, seja lá que dia for, já é um péssimo negócio.

Deixando as exceções de lado, o certo é que quando acontece de se dar essa olhadinha no espelho solitário do banheiro surge, não se sabe de onde, uma força capaz de nos levar a fazer qualquer promessa.

Nesta hora íntima, de tanta valentia, assume-se qualquer compromisso: retoma-se o curso que ficou no meio, briga-se com o patrão por conta dos baixos salários e até se examina a possibilidade de uma limpeza do quintal, há muito invadido pelo mato.

Se for dia de sol e o horário não estiver avançado, não tenha dúvida, chega-se ao cúmulo de vestir calção e camiseta para uma caminhada no quarteirão. Homem nenhum tem tanta disposição como nesta hora.

Sabe aquele passeio eternamente adiado? Aquela ida ao cinema com a patroa? A visita ao amigo doente? Tudo isso vai ter solução e não passa da próxima segunda-feira. Até aquele livro horrível de Umberto Eco, mofando na mesinha de cabeceira, vai ver com quantas páginas se faz um leitor.

Pois bem, ocorreu comigo de mirar aquele espelhinho e questionar os vícios que há tanto tempo me acompanham. Por que não ir parando com eles nem que seja paulatinamente. Por que não renovar os hábitos e estabelecer para si mesmo uma campanha do tipo "SOS-Saúde?". Por que não fazer da vida um exercício diário de desintoxicação?

Foi assim, com essa disposição de bicho, que decidi no melhor estilo "é dando (epa!) que se recebe", aprovar esta reforma pessoal. Saf de casa com vista de que era preciso flexibilizar o consumo de cigarro, reduzir o uso do celular e aposentar compulsoriamente essa vida sedentária de mesa de bar.

Não sei se vou cumprir esta agenda toda. O que posso garantir é que desde ontem, e para todo o sempre, nunca mais pretendo olhar, nas manhãs de segunda-feira, aquele espelho horrível e denunciador.

Opinião não é delito

Um velho senhor de 86 anos recebe a visita de um amigo, a quem conhecera ainda criança, e trava com ele uma conversa reservada. Falam basicamente sobre política. Como a confiança entre eles é total, nenhum dos dois recorre a meias palavras. Não há pra quê. São amigos, o encontro é privado e os interesses parecem ser comuns. Nas avaliações que fazem sobre o cenário político nacional, as ideias são quase as mesmas. Ao longo do papo, cada um vai dando a sua opinião sem qualquer tipo de censura. Meses depois, uma gravação desta conversa (sim, tudo estava sendo clandestinamente gravado) ganha o noticiário da TV e as páginas dos principais jornais do país.

Como o leitor já deve ter percebido, o velho em questão é o ex-presidente José Sarney e o amigo, a quem conhecera de fraldas, é o ex-senador Sérgio Machado, que durante anos respondeu pela direção da Transpetro, uma subsidiária da Petrobras. Estamos em março deste ano e a presidente Dilma Rousseff ainda não havia sido afastada do cargo. Ao ser recebido por Sarney, Machado simula uma grande alegria, ao mesmo tempo em que aciona o botão de um minigravador.

Ele gravaria ainda muitas outras conversas, e não só com Sarney. Fez o mesmo com o presidente do Senado, Renan Calheiros, e com o ministro mais breve da história do Brasil, o senador Romero Jucá. Tendo feito um acordo de delação premiada para escapar da prisão por seu envolvimento no desvio bilionário da Petrobras, Sérgio Machado juntou todo o material colhido e o entregou à Procuradoria da República. Meses depois, a PGR, numa decisão inédita, resolveu pedir ao Supremo Tribunal Federal as prisões de Sarney, Renan e Jucá, agora acusados de tentar obstruir a Justiça e, em particular, de dar um basta na Operação Lava-Jato.

Rodrigo Janot, aparentemente baseado nestas gravações, deu margem ao surgimento de um intenso debate nos meios políticos e jornalísticos do país. Para além da culpabilidade dos caciques peemedebistas dedurados por Machado, o que então se passou a discutir foi outra questão: teriam eles cometido algum crime por emitir nas conversas com o Gravador Geral da República opiniões a respeito da Justiça, da Operação Lava-Jato, do instituto das delações premiadas e do rumo das investigações feitas pelo Ministério Público e Polícia Federal? Por si só, estas opiniões justificariam os pedidos de prisão?

A grande maioria dos comentaristas políticos, seja em jornais, revistas, rádio ou televisão, entendeu que Rodrigo Janot avançou o sinal, abrindo assim um precedente perigosíssimo. A menos que detenha outras informações ainda não divulgadas, solicitar a prisão de alguém que, em público ou privado, diz o que pensa sobre temas de interesse público não é mesmo um caminho a se trilhar. Ressalve-se mais uma vez: se tais prisões foram solicitadas em face de informações que ainda não vieram a público e incriminam os acusados, nada a opor. Mas ainda se foram eles flagrados em tentativa de obstrução da Justiça.

Agora, se as razões de Janot para

encaminhar o pedido ao STF forem somente estas divulgadas pela mídia, é evidente que ele ultrapassou o sinal. Opinião não é delito e não pode dar causa a reações deste tipo. No regime democrático, as pessoas podem se expressar livremente, podem opinar sobre tudo e, não sendo o caso de ofensa prevista em lei, jamais devem ser ameaçadas de prisão.

Entre as muitas opiniões colhidas na última semana sobre o assunto, a coluna resume aqui algumas que considera indispensáveis para a compreensão do que ocorreu.

Jânio de Freitas, Folha de S. Paulo:

A menos que a fundamentação do pedido contenha razões ainda não divulgadas, não se limitando às gravações feitas por Sérgio Machado, o ato de Janot só pode ser visto como um impulso tático, emocional ou político. Razões para um sensato pedido de prisão, nenhum dos três deixou gravadas. Indicar advogados, como fez José Sarney, além de banal, não consiste em obstrução a coisa alguma.

Renan Calheiros reiterou uma tese defensável, presente em projeto no Congresso: não mais permitir delação premiada de preso. O uso da prisão para constranger, por a concordância em delatar, não é exceção. Na Lava Jato, há evidências de que se trata mesmo do método preferido, senão único. Mas é coerção. Ou uma forma de chantagem, reprimida e punida quando praticada por assaltantes e sequestradores. Levado à consagração, o método da delação dispensaria a polícia investigativa e suas técnicas admiráveis. Bastaria o megafone para prender o futuro preso-delator. As provas? Ora, as provas. Fulano e sicrano disseram na delação, é quanto basta.

Augusto Nunes, TV Cultura:

Sobre estes pedidos de prisão, devo dizer que não faltam provas de que todos os que foram citados pelo procurador-geral já deram motivos suficientes para sentar no banco dos réus. Mas, quanto às gravações de Sérgio Machado, elas não caracterizam obstrução da Justiça.

Vi, claro, uma antipatia deles em relação à Lava-Jato, mas isso não é crime. Qualquer pessoa pode gostar ou não da operação. Isso não passa de uma opinião.

Essas gravações de Sérgio Machado são muito diferentes daquelas que envolveram o ex-senador Delcídio do Amaral. Ali percebe-se que Delcídio estava atuando contra a operação, tinha até um plano de fuga para Nestor Cerveró. Nas do ex-presidente da Transpetro, dá pra ver que ele induz claramente os seus interlocutores a comentar o assunto.

Marcos de Vasconcelos, Conjur:

Além do problema apontado na produção da prova, especialistas afirmam que também não existe crime nas gravações, diferentemente do que diz a Procuradoria-Geral da República. Calheiros, Sarney e Jucá são acusados de tentar atrapalhar as investigações



Rodrigo Janot: pediu as prisões e não falou mais

da operação "lava jato", que apura um esquema de corrupção na Petrobras.

Fernando Fernandes diz que "criminalizar políticos porque falam ou tentam influenciar ministros do Supremo sobre a 'lava jato' ou desejam mudar leis para conter o abuso de juiz é tornar crime ter opinião contrária a Sérgio Moro".

Fábio Tofic Simantob, jurista:

Falar que fez ou que vai fazer alguma coisa não é crime. As conversas gravadas seriam, se muito, uma espécie de confissão informal. Os envolvidos estariam, no máximo, dizendo que estão dispostos a fazer algo ou confessando que o fizeram. Mas a lei brasileira diz que não é válida sequer uma confissão dada exclusivamente ao delegado. Logo, uma que foi dada em conversa particular entre amigos não pode receber tratamento diferente.

Lenio Streck, advogado:

Machado fez uma "pegadinha jurídica-delaciona" para seus interlocutores. A pergunta que deve ser feita é: o interlocutor falaria aquilo se não fosse provocado? O sujeito que grava está construindo prova. Isso é ilegal. O que o ex-presidente da Transpetro gravou foram intenções, que podem ser moralmente condenáveis, mas o Direito não pode se guiar pela moral. Ninguém pode ser processado ou condenado por "coisas feias". Só por crime. Simples assim.

Editorial, O Globo:

Salvo fatos desconhecidos, não surge nas conversas reveladas algo tão concreto quanto as ações de Delcídio para calar Cerveró. Requer-se, pois, mais investigações. Talvez por isso Zavascki mantivesse os pedidos consigo já há pelo menos uma semana. É indiscutível que os diálogos gravados por Machado indicam extremo desconforto com a Lava-Jato. Mas será preciso provar, por exemplo, que iniciativas no Congresso contra a operação - como o projeto do deputado Wadih Damous, do PTRJ, para dificultar a delação premiada - tenham recebido alguma ajuda especial dos acusados.

Como se vê, é unânime o entendimento de que, se depender apenas das opiniões que emitiram nessas gravações, Sarney, Jucá e Renan não cometeram crime algum. O que não quer dizer que não possam estar envolvidos até o pescoço nas ações de desvio do dinheiro da Petrobras. E nesse caso devem, sim, ser investigados. O que é muito diferente de ser preso apenas porque disseram alguma coisa.

PITADA

Impossível prescindir hoje de unir o Dia dos Namorados à gastronomia, até porque cozinhar não é um serviço, é uma forma de amar. Jantares românticos em lugares inusitados, aconchegantes e agradáveis sempre é uma boa opção, principalmente quando temos uma mesa decorada com um toque especial e são regados a um bom vinho ou champagne e harmonizados com entradas, prato principal e sobremesa. Mas não esqueça! O melhor ingrediente é o amor.

O Dia dos Namorados incrementa o setor gastronômico a tal ponto que encontramos nos restaurantes cardápios exclusivos, decorações diferenciadas, harmonizações e diversas outras ações especiais para tornar sua celebração inesquecível.

Escolha o que mais se adequa ao seu amor. Prefiro um belo jantar à luz de velas harmonizado com meu amor Mabel.

Bom apetite.

COLUNISTA

Fabio Maia

Professor, gastrônomo, apresentador do programa semanal de TV Degustando Conversas (disponível também no youtube.com/degustandoonline.com.br), palestrante e amante da boa gastronomia.

(83) 98604-4633
planetasabor@ainiao.pb.gov.br



Bourdain: Fora do Mapa

Sempre pensei que, para conhecer alguém, devemos descobrir o que ele come e - inclusive - existe um dito popular segundo o qual só podemos conhecer verdadeiramente alguém quando comermos um kg de sal juntos. E, nesta linha, fui surpreendido no sábado, dia 14 de maio, com um novo programa gastronômico na TV paga que passou às 22h20, no canal TLC, com o nome "Anthony Bourdain: Fora do Mapa". Anthony Bourdain é o mesmo chef americano de cujo livro falei em coluna anterior: Cozinha Confidencial.

Vale a pena assistir ao programa, pois Bourdain é adepto de método próprio para apreender a identidade cultural dos povos com quem tem contato, pois acredita que a gastronomia é porta

de entrada perfeita para conhecer as tradições de um país; vai muito além da gastronomia, pois nos revela as raízes culturais que sustentam os hábitos alimentares dos locais por onde passa.

Nos episódios de uma hora, ele viaja o mundo para conhecer os sabores e rituais que transformam o alimento na história, na tradição e memória dos povos. Em mercados lotados, nas ruas, em transportes públicos e restaurantes diversos, encontramos entrevistados que nos trazem a dimensão cultural da gastronomia e as origens de receitas que apresentam novas texturas e combinações de sabor. Vivendo, portanto a gastronomia como elemento fundamental na construção da identidade cultural das comunidades.

RECEITA DA SEMANA

Escondidinho para Namorar

O escondidinho é um prato presente na gastronomia nordestina e faz muito sucesso o ano inteiro; mas no mês do São João fica mais em evidência. Sua origem é controversa: alguns defendem que é de origem europeia, especificamente francesa, devido ao fato de existir na gastronomia francesa o prato Hachis Parmentier (a receita deste prato se encontra no livro Le Guide Culinare do Chef Auguste Escoffier, lançado em 1903). "Hachis" significa picadinho e Parmentier é uma homenagem ao agrônomo e farmacêutico Antoine Augustin Parmentier, figura histórica da gastronomia na França. Outros defendem que sua origem é nordestina, devido ao fato de que a carne seca e a mandioca são produtos brasileiros; porém, vale

ressaltar que não existem menções nas obras de Gilberto Freyre, Mário Souto Maior e Câmara Cascudo, escritores que retrataram o universo gastronômico nordestino, que comprovem tal fato.

A principal diferença entre o hachis e o escondidinho é que na França batata é sempre usada como ingrediente. Franceses à parte, prefiro com macaxeira, porém, para os que não comem carne, podem substituí-la perfeitamente por frango, peixe ou camarão.

Na verdade, o que importa é saborear esta iguaria, que - em minha opinião - pertence a nós nordestinos, principalmente na data de hoje, Dia dos Namorados, quando tudo fica mais saboroso **Escondidinho**.

■ Prato: principal
■ Tempo de preparação: 25 min
■ Dificuldade: fácil
■ Porções: 2 pessoas



Escondidinho de carne de sol com macaxeira

Para esta nossa receita vamos precisar de:

Ingredientes

- 250g de carne seca desfiada e sem sal
- 1/2 xícara de coentro picado
- 1/2 xícara de cebola cortada em pedaços pequenos
- 250g de macaxeira cozida
- 1/2 xícara de margarina
- 1 xícara de leite
- 200g de queijo coalho
- Queijo tipo parmesão para gratinar

- Sal a gosto
- Azeite

UTENSÍLIOS

- Liquidificador
- Frigideira funda
- Espátula pão duro
- Dois refratários pequenos para gratinar e servir

Preparação

- 1 - Refogue a cebola em um pouco de azeite
- 2 - Acrescente a carne seca já desfiada e sem sal, acrescente sal a gosto.
- 3 - Coloque por último o coentro.
- 4 - Bata a macaxeira no liquidificador junto com o leite e margarina.
- 5 - Nos dois refratários coloque uma

camada de creme de macaxeira, uma camada de carne seca refogada, uma camada de queijo coalho e depois outra de creme de macaxeira.

6 - Por último, uma camada de queijo coalho e queijo parmesão.

7 - Deixe no forno (180°) por mais ou menos 20 minutos.

Vamos cozinhar?

Coluna do Vinho

Joel Falconi renascente@outlook.com

A interação da cultura no crescente fértil conhecida como Mesopotâmia - Parte I

A primeira civilização apareceu no sul dessa faixa de terra com 1.100 km de comprimento, formado pelos Vales dos Rios Tigre e Eufrates, e já era povoada há muito tempo e, no período neolítico esteve densamente salpicada de aldeias agrícolas. Alguns dos assentamentos mais antigos parecem ter se estabelecido no extremo sul, exatamente onde os dois grandes rios desembocam no mar, à cerca de 160 quilômetros ao norte do ponto em que hoje desembocam. Séculos de drenagem dos dois rios, que se originam na parte elevada daquela região; bem como as inundações que ocorrem, criaram um solo de grande riqueza nas áreas em torno dos deltas. As plantações cresciam facilmente se o abastecimento de água fosse contínuo e garantido; em geral isto era possível, pois embora as chuvas fossem fracas e irregulares, o leito dos rios às vezes ficava acima do nível das margens. Nos tempos primitivos era possível plantar mais do que o necessário para o consumo diário e o excedente propiciou o surgimento de uma vida urbana. Além disso, havia

possibilidade de pesca no mar próximo.

Este cenário era ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade. O Tigre e o Eufrates podiam mudar de curso repentino e violentamente, portanto a terra pantanosa e baixa do delta precisava ser controlada com barragens e fossos, requerendo a construção de canais para desviar a água. Técnicas como as que foram construídas as primeiras casas da Mesopotâmia ainda podiam ser vistas em uso até o século XX. Zonas de cultivo eram agrupadas onde o solo era mais rico. Os canais necessários para a drenagem e a irrigação só podiam ser aproveitados de modo adequado se fossem usados coletivamente. Sem dúvida, como consequência, surgiu a organização social da recuperação das terras e com ele uma espécie de autoridade legal. Não importa como

aconteceu a conquista, aparentemente sem precedentes de se transformar pântanos em terras férteis; pode ter sido a força propulsora de uma nova complexidade na maneira de viver dos mesopotâmios.

À medida que a população cresceu, mais terras foram recuperadas para se obter mais alimentos, mais cedo ou mais tarde, homens de diferentes aldeias se juntariam na recuperação dos pântanos que antes separavam. Diferentes necessidades de irrigação podem mesmo tê-los posto em contato antes disto. É provável que tenha sido necessário escolher entre lutar ou cooperar. Em algum ponto desta trajetória os homens decidiram se juntar em grupos maiores para proteção, bem como para administrar o meio ambiente, daí resultando a formação das cidades.

A princípio cercadas em muros de argila para afastar inundações ou inimigos, depois foram erguidas sobre uma plataforma acima das águas. Era lógico que o santuário da divindade local fosse o centro em torno do qual se estabeleceria um assentamento maior, pois a divindade apoiaria a autoridade da comunidade. O poder seria exercido pelo seu sumo sacerdote, que se tornaria o administrador de uma pequena teocracia, competindo com outras.

Essa é mais ou menos a civilização existente no sul da Mesopotâmia entre o terceiro e quarto milênio antes de Cristo e outras zonas de cultura neolítica com as quais mantinha contato, estabelecidas na Anatólia, na Assíria e no Irã, com as quais tinham muito em comum; mas somente numa área relativamente pequena começou a se desenvolver um padrão de aldeias, típico do Oriente Médio; seguindo-se daí a primeira urbanização verdadeira e a primeira civilização identificável: a SUMÉRIA...